

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. IV ENCONTRO DE NUMISMATAS. ALFABETOS USADOS NAS LETRAS DAS LEGENDAS DAS MOEDAS PORTUGUESAS. SUA EVOLUÇÃO, 1128-1500.

LEMOS, Paulo Augusto F. de

Ano: 1983 | Número: 93

Como citar este documento:

LEMOS, Paulo Augusto F. de, Notícias da Actividade Cultural. IV Encontro de Numismatas. Alfabetos usados nas letras das legendas das moedas portuguesas. Sua evolução, 1128-1500. *Revista de Guimarães*, 93 Jan.-Dez. 1983, p. 233-242.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Alfabetos usados nas letras das legendas das moedas portuguesas

(Sua evolução — 1128-1500)

Por PAULO AUGUSTO F. DE LEMOS

NOTAS DE INTRODUÇÃO

a) Antes de mais, um pequeno apontamento sobre o que se deve entender por «*numaria medieval*» — tema deste encontro — pois poder-se-á supor que desconheço que o tempo final dessa Idade História é (por definição) a data da tomada de Constantinopla por Mahomed II em 1453, mas, tratando-se de numismática, há razões para prolongar esse período para além da data referida, tanto mais que um período histórico não é exactamente cronometrado a relógio... Como será do conhecimento de muitos dos ilustres ouvintes, há quem defenda que a numária-medieval deverá ir até à primeira utilização do balancé... Batalha Reis — Cartilha Numismática, pág. 193 (1).

b) Por dificuldade de leitura das legendas das nossas primeiras moedas, desde há muito que me preocupei com a forma das letras aí inscritas e sobre este aspecto não existem referências de autores, pois não encontrei nada escrito por numismatas portugueses; apenas Ferraro Vaz tenta distinguir (Ceitis de Afonso V) algumas espécies por tipo de letra e, confundindo o alfabeto uncial lombárdico e o alfabeto gótico. Batalha Reis apenas lhe faz uma ligeiríssima referência.

c) Os falsificadores, por seu lado, não sendo peritos neste assunto, produziram falsificações não correctas quanto ao tipo de letra e, por outro lado, os numismatas, não tendo olhado a este pormenor, não classificaram devidamente algumas das moedas, produzindo erros de classificação detetados por outras razões mas que a consideração do tipo de letra confirma a indevida classificação.

(1) Também a American Numismatic Association aceita a data de 1500 como separação do medieval e do moderno, conforme pág. 7 do livro *Survey of Medieval Iberian Conviages*. LHOTKA e ANDERSON.

Veremos, mais adiante, que, exclusivamente por esta via do tipo de letra gravados em moedas, seremos conduzidos a melhorar a classificação de moedas, quer por as considerarmos como, possivelmente, falsas ou quer por mal atribuídas a um determinado reinado.

d) O local onde nas moedas se inscrevem letras, denomina-se «*letreiro*», o qual toma diversas denominações, conforme a sua localização e, assim, teremos que considerar: *legendas*, *epígrafes* e *inscrições*. No texto não distinguiremos, em absoluto, e na verdade menos correctamente, estes tipos de letreiros que denominaremos genericamente legendas, usando o nome mais corrente, muito embora as letras obtidas o tenham sido a partir de todos os tipos de letreiros.

1. *Algumas noções sobre «alfabetos» escritos ou gravados*

Os homens, desde tempos muito recuados, procuraram inscrever símbolos na pedra, no barro, nos papiros e, até, em metais, que correspondessem aos sons por si articulados e foi essa a origem dos diferentes alfabetos, muito embora se suponha que todos derivam dos que foram inventados, separadamente, no Egipto e na Índia.

As derivações para a Europa vieram todas através do alfabeto fenício, o qual não só deu origem aos alfabetos gregos e itálicos mas, também, no ocidente, aos alfabetos iberos (turdetano e bastulofenício) e no norte, às «runas» eslavas e escandinavas, («Runa» ou «Runo» significa «oculto», «secreto» e são as letras dos mais antigos alfabetos escandinavos).

O *alfabeto latino*, que foi o utilizado nas primeiras moedas portuguesas, deriva do alfabeto etrusco e dele temos uma bellissima visão em toda a sua pureza na inscrição da coluna de Trajano (Fig. 1). Esse alfabeto já fora usado na península, pelo menos, pelos romanos e visigodos nas suas moedas, e pode-se afirmar que os portugueses fizeram uso mone-

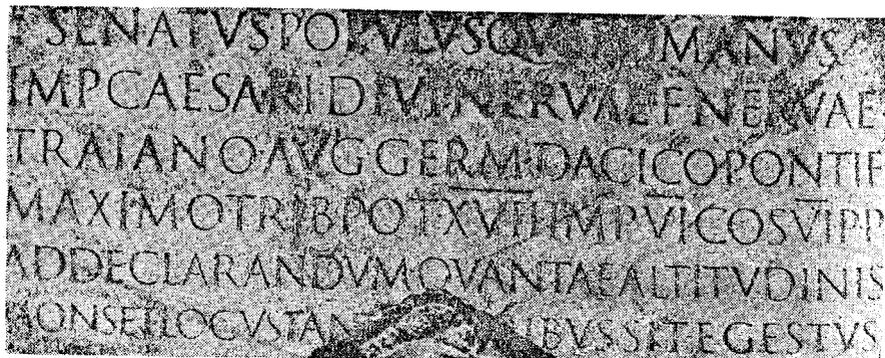


Fig. 1 — Inscricção da coluna de Trajano — Roma

tário de um alfabeto constituído por pequenos triângulos tal como o tinham feito, antes, os visigodos da Lusitania (Fig. 2). Adiante veremos a permanência destas letras constituídas por elementos triangulares, cuja forma atribuímos a uma técnica de mais fácil gravação, de que não conhecemos outra origem e que teve remarcada influência na configuração de muitas letras gravadas em cunhos portugueses até D. Afonso V.

Ainda os romanos tiveram por costume começar as inscrições por letras muito maiores e de um alfabeto modificado ou mesmo diferente daquele que empregavam no texto.

A essas letras, por serem do tamanho de um polegar, chamaram «*unciais*» e deram lugar ao «*alfabeto uncial*», muito usado nas nossas moedas medievais, por vezes confundidas por alguns, chamando-lhe góticas (Fig. 3) «*alfabeto uncial*» (2).

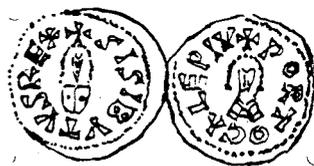
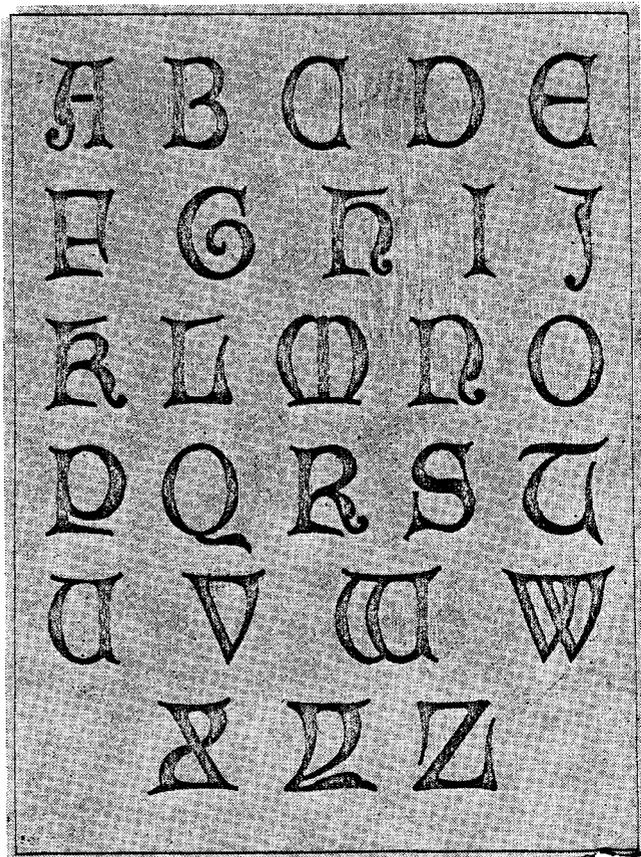


Fig. 2

Fig. 3 — *Alfabeto uncial*

(2) As figuras que representam alfabetos e letras são reproduzidas do livro *The Design of Lettering* — Egon Weiss.

Se este alfabeto inclui letras maiúsculas e minúsculas, o alfabeto denomina-se «*semi-uncial*» (D. Fernando p.e); se as letras se encontram enfeitadas por arabescos (Fig. 4) (E de Duarte), o alfabeto chama-se «*uncial florido*».



Fig. 4

Julgamos ainda necessário fazer referência a alfabetos chamados «*góticos*», que não derivam directamente do alfabeto dos godos, e que são próprios dos povos anglo-saxões, que tiveram representação na escrita de toda a Europa durante a Idade Média, e com que ficaram gravadas muitas letras de legendas de moedas portuguesas dentro do referido período histórico (Fig. 5).

Posteriormente, a forma das letras gravadas foi tornada mais regular e o alfabeto usado passou a denominar-se «*romanico*» ou «*latino-novo*» e com este tipo de letras foram gravadas todas ou quase todas, as moedas posteriores a D. Manuel I e D. João III (Fig. 6).

A forma das letras gravadas nas moedas sofreu alterações não só derivadas da tecnologia dos gravadores e por assim dizer, também de evolução própria («*moda*») e, como já vimos, tudo leva a crer que o alfabeto de letras constituídas por pequenos triângulos seria devido a causas tecnológicas, mas acresce que os gravadores tinham, a respeito de caligrafia, conhecimentos muito diversos e, por isso, as letras de um alfabeto gravado de uma certa maneira, por um, não o seria, de igual forma, gravado por outro. Desta maneira, não se poderá pensar que as letras nas moedas, sejam modelos perfeitos de abecedários conhecidos, tanto mais que, como se verifica, muitas vezes, diferentes modelos (até de uma mesma letra) coexistem na mesma legenda, chegando a verificar-se a coexistência de três alfabetos na mesma moeda (latino, uncial e gótico).

Para reforçar esta miscelânea, há que ter em conta uma influência recíproca dos diferentes tipos de letras gravados, resultando uma representação fora de qualquer modelo de abecedário.

2. *Ideia geral sobre os alfabetos usados na cunhagem das legendas das moedas portuguesas. Afonso I — João III.*

Intimamente ligado ao assunto foi escrito por dois numismatas americanos um livro — Survey of Medieval Iberian Coinage — edição da Associação Numismática Americana, cujos autores LHOTKA e ANDERSON, tecem várias considerações sobre as letras empregues nas inscrições das moedas medievais da península ibérica.

ARAD E F B	German Gothic
H I J K L M N O P	W B C D E F G
R S T U V	X Y Z
W X Y Z	W B C D E F G
Westminster	X Y Z b d f g i l p q
Abbeu	S u v w r y z
a r d f g h i k l o p q r s t u v w x y z	1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Fig. 5 — Inglês gótico da abadia de Westminster

Forma popular da letra gótica alemã

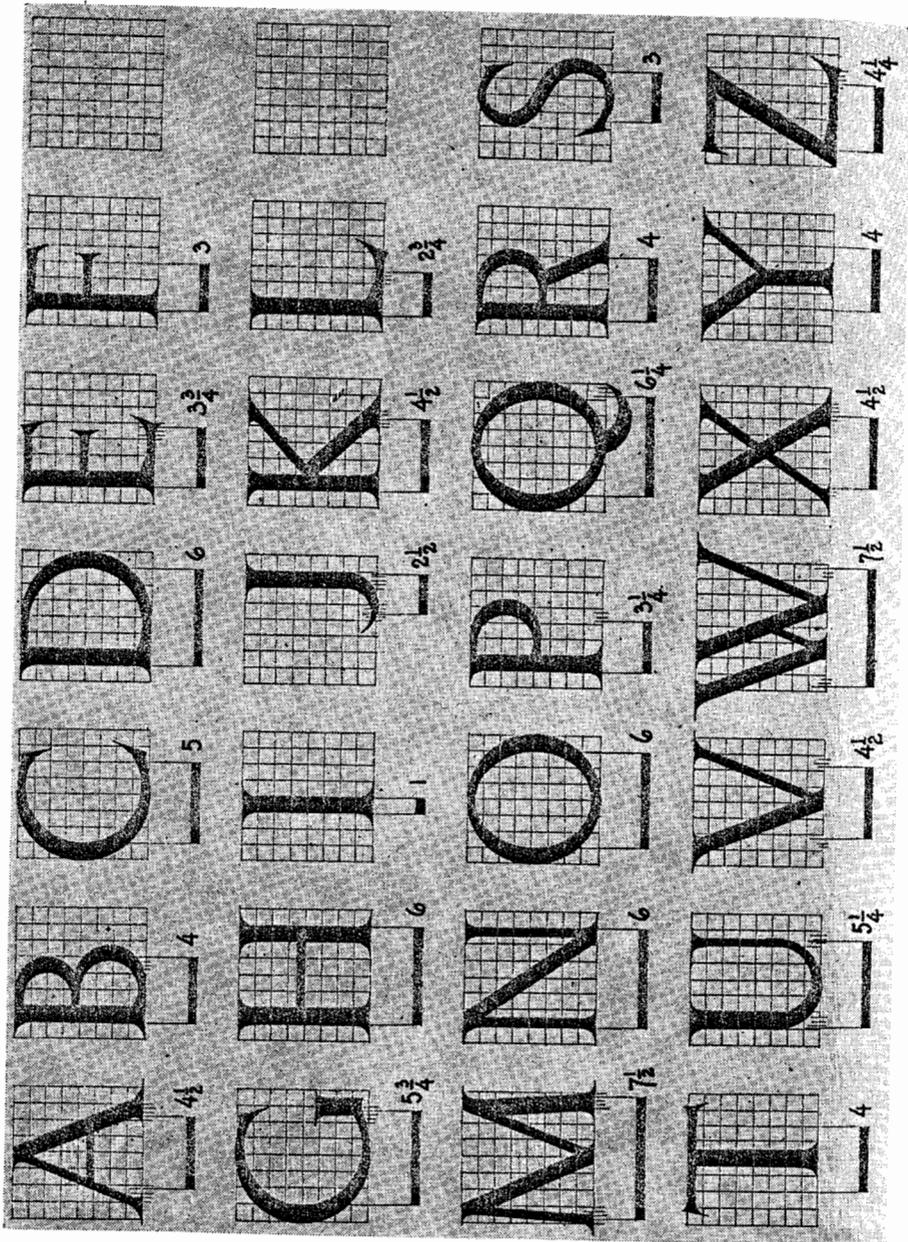


Fig. 6 — Alfabeto romano com diferentes valores para cada letra

Transcrevo desse livro as seguintes passagens:

«O gosto medieval pela ornamentação não se encontra mais ilustrado noutra local que nas complicadas letras produzidas pela cumbagem dos gravadores para formar as variadas legendas»

«Certas letras são rotinamente encontradas na sua forma lombárdica»

«Quando estas variações na forma das letras estão combinadas com outras idiossincrasias medievais, como ocasionalmente usanso um «S» horizontal numa legenda na qual todas as outras letras são verticais ou colocando duas letras ligadas, a possibilidade de erro é óbvia».

Os autores representam um alfabeto que se ilustra por cópia na figura (Fig. 7) (alfabeto medieval).



Fig. 7 — Alfabeto medieval

No caso mais objectivo das moedas portuguesas e com mais alguma minudência diremos que os símbolos geralmente empregues, como letras, num primeiro período são, em geral, derivados do alfabeto latino e há a considerar a influência visigótica na modificação desse alfabeto a que já fiz referência (alfabeto de pequenos triângulos).

Essas formas latinas predominam até D. Diniz, reinado em que aparecem caracteres que se filiam no alfabeto uncial lombárdico, que adquire predominância no reinado de D. Fernando e que se virão a extinguir muito mais tarde (D. João II).

Note-se, todavia, que já no reinado de D. Fernando, pelo menos esporadicamente, se reconhecem alguns especimes de letra gótica, as quais terão o seu apogeu no reinado de D. Afonso V e que desaparecerão totalmente com gravações em moedas de D. Manuel I (Vintem do Porto).

No reinado de D. João II, ressalta um tipo de letras, «sui generis», muito estreita, de características latinas que também não aparece mais além do reinado de D. Manuel.

O românico, isto é, um latino melhor acabado (curvas mais regulares, pés mais direitos e extremidades bem assinaladas) substitue, final-

mente, o tipo de letras na legenda das moedas e é, por assim dizer, o que veio até aos nossos dias.

No quadro que juntamos a este estudo procuramos inserir as letras detectadas nas moedas dos diferentes reinados e, podemos verificar que nele se entrecrocavam os diversos tipos de alfabetos a que fizemos referência (Fig. 8).

3. *Alguns casos objectivos em que a forma das letras gravadas em moedas pode elucidar sobre a sua classificação*

a) *Dinheiro de Afonso Henriques (F.V-A1-04) cumbado em Coimbra (Fig. 9)*

Repare-se na gravação dos dois RR do reverso (REX PORTUCA) um bem desenhado, neo-latino, de época muito posterior, quando o outro não passa de um arabesco. Também neo-latinos, o «A» e o «E», como só depois de D. João II foram escritos.



Fig. 9

O «O», em duas circunferências concêntricas não é, pelo menos, a forma corrente nas outras moedas de Afonso Henriques.

No anverso o «F», igualmente nos parece susceptível de alguma contestação.

Por todas estas razões se julga que as letras deste dinheiro terão sido desenhadas em época muito posterior e, por isso, não repugna pensar que se pode tratar de uma falsificação.

b) *Morabitino de Braga (F.V-A2-02 A) (Fig. 10)*

É o único morabitino em que todas as letras são desenhadas com o tipo de letra constituída por pequenos triângulos, à excepção dos «OO».



Fig. 10

Se mais não houvesse a contrapor, como p. ex. a existência extemporânea da letra monetária, seria caso para desconfiar...

c) *Tornez de D. Diniz (F.V. D-1-01)* (Fig. 11)

Todo o desenho das letras é, no seu conjunto, incompatível temporalmente com o reinado em que se encontra catalogado, mas acrescem os seguintes factos mais objectivos:

- I) A existência da letra «U» que só aparece a substituir o «V» latino no reinado de D. Fernando.



Fig. 11

- II) A forma dos «NN» e dos «MM», caracteristicamente unciais, como em moedas de D. Fernando, pois até este reinado a forma usada nas moedas era a latina,, exclusivamente, muito embora o conhecimento da escrita uncial fosse utilizada pelo menos em selos.

Estes factos podem concorrer para a classificação deste tornez como batido em nome do infante D. Diniz, pretendente à Coroa, já no tempo de D. João I, e então o modelo da letra seria conforme o uso na época.